

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HOURS AND HOURS - OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE
HOLLYWOOD
11 de dezembro de 2023

THE FEARMAKERS / 1958

(Os Fabricantes do Medo)

um filme de Jacques Tourneur

Realização: Jacques Tourneur / **Argumento:** Elliot West e Chris Appley, segundo o romance de Darwin Teilhet / **Fotografia:** Sam Leavitt/ **Direcção Artística:** Serge Krizman / **Música:** Irving Gertz / **Montagem:** Paul Laune / **Intérpretes:** Dana Andrews (Allen Eaton), Marilee Earle (Lorraine Dennis), Dick Foran (Jim McGinnis), Mel Torme (Barney Bond), Kelly Thordsen (Harold Loder), Veda Ann Borg (Vivian Loder), Joel Martson (Rodney Hillier), Roy Gordon (Senador Walder), Oliver Blake (Dr. Gregory Jessop), Robert Fortier (Cor. Buchans).

Produção: Martin H. Lancer (Pacemaker Productions), para a United Artists / **Cópia:** 16mm, preto e branco, versão original com legendas eletrónicas em português, 84 minutos / **Estreia Mundial:** Setembro de 1958 / **Estreia em Portugal:** Olímpia, em 22 de Janeiro de 1961

O fracasso comercial de **Night of the Demon**, a última obra-prima de Tourneur, representa um momento de viragem, que é também o início do seu "declínio". Porque, por muito que custe aos admiradores de Tourneur, esse declínio é real. Não tanto porque faltem qualidades aos filmes que vieram a seguir, mas porque Tourneur, como grande número de cineastas clássicos, que marcaram o cinema nas décadas de 20 a 50, aparecem agora, mais ou menos, "fora do tempo". Os grandes fazem as obras de despedida, reflexões sobre a velhice e sobre os tempos novos com a lucidez do príncipe de Salinas no **Gattopardo** de Lampedusa e Visconti (assim, Ford, Hawks, Walsh, Renoir, mais longe geograficamente, Ozu). Outros teimam em permanecer iguais a si próprios face a um tempo que tem novos ídolos, novos autores, novos métodos e novas técnicas. O começo do declínio de Tourneur coincide com o fim das carreiras de outros: Joseph H. Lewis, outro autor "B" do mesmo quilate de Tourneur, faz o último filme em 1958; Alan Dwan também, com mais um filme, que se assemelha a um estertor, em 1961. Tourneur e outros passam à televisão onde o modelo de produção, devido à "juventude" do meio, usa ainda métodos tradicionais. Os filmes que ainda farão ou são produções independentes sujeitas a problemas financeiros vários, ou a nova forma de "runaway production" em Espanha ou Itália para "peplums" (**La Bataglia di Maratona** é o contributo de Tourneur) ou "westerns-spaghetti".

The Ffarmakers é, pois, o primeiro filme deste trajecto final. Não se tratava de qualquer projecto pessoal. A adaptação do romance de Darwin Teilhet, publicado em 1945, noutra contexto político, foi uma produção independente de Martin H. Lancer

para a "sua" companhia (a "Pacemaker", uma das muitas que apareceram apenas para um ou poucos filmes), que conseguiu contratar Dana Andrews, então em declínio. Este, porém, só aceitou no caso do filme ser dirigido por Jacques Tourneur, seu amigo, com quem fizera no ano anterior o citado **Night of the Demon**.

Tourneur pegou no argumento com a sua proverbial habilidade e eficácia acabando-o em cerca de duas semanas, com grande economia de cenários (exceptuando os exteriores, tudo se passa, praticamente num número reduzido de cenários, lembrando os trabalhos de Edgar G. Ulmer). O argumento, como já dissemos, adapta a história do romance aos novos tempos, que são os da "guerra fria". Por isso, o filme aparece, de certo modo, como o "negativo" do fabuloso **Berlin Express**, que ainda tinha a ousadia de apresentar um militar soviético simpático, com uma história que tinha a busca da paz como tema. Projecto utópico, como a História (com H grande) mostrou, e a que **The Fearmakers** traz uma confirmação. A guerra "agora" só mudou de formas, tornou-se mais subtil, "política" (a acção armada, como dizia Clausewitz, é apenas a última instância). O campo de batalha principal está no "controle", na "manipulação" das populações. E tais métodos têm, agora, uma fórmula mais eficaz: a "informação" (imprensa, rádio, televisão, etc). Quem os controla pode controlar um país, pode, inclusive, como o responsável por uma nossa estação televisiva disse há tempos, "fazer um presidente". A agência de relações públicas que fora propriedade da personagem principal de **The Fearmakers**, Allen Eaton (Dana Andrews) é um instrumento para esse "ataque" ao poder, procurando, através da manipulação de sondagens e de notícias "preparadas" e tendenciosas, impor um candidato ao Senado americano à "sua" medida. Deste ponto de vista, **The Fearmakers** alinha na série de produções que ao longo da década de 50 denunciavam o perigo "vermelho". Mesmo que o não citasse directamente a alusão era suficientemente transparente. De forma "realista" **The Fearmakers** segue o mesmo método de filmes como **The Invasion of the Body Snatchers/A Terra em Perigo** de Don Siegel, e a apresentação de Eaton durante o genérico (prisioneiro dos chineses na guerra da Coreia, sujeito a torturas e "lavagem do cérebro") junta o filme, a outros que trataram mais concretamente desta questão, como **The Rack/Suplício**, de Arnold Laven (1956), série que culmina no clássico de John Frankheimer, **The Manchurian Candidate/O Enviado da Manchúria** (1962). **The Fearmakers** está mais próximo do de Frankheimer, e de certo modo anuncia-o na exposição da manipulação da comunicação (Frankheimer expõe o poder da televisão).

Apesar de, em certa medida, se poder ver já como uma obra "menor", **The Fearmakers** é ainda bastante sugestivo da arte de Tourneur, mesmo que a passagem pela televisão já comece a notar-se, em particular com o uso da lente zoom. Salvo erro é a primeira vez que Tourneur recorre a este artifício técnico geralmente "preguiçoso", mas justifica ainda narrativamente o "falso movimento" (para mostrar a "desorientação" de Eaton). Tourneur usa também habilmente os símbolos da democracia americana, em particular o Lincoln Memorial onde tem lugar o confronto final de Eaton com McGinnis (Dick Foran), com este caindo pelas escadas do monumento como James Cagney pela escadaria da igreja no final de **The Roaring Twenties/Heróis Esquecidos**, de Raoul Walsh.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico